

DUAS INSCRIÇÕES ROMANAS CONSERVADAS NO GABINETE DE NUMISMÁTICA E ANTIGUIDADES DA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

José Cardim Ribeiro

No Gabinete de Numismática e Antiguidades da Biblioteca Nacional de Lisboa, existem duas inscrições dadas como inéditas e de proveniência desconhecida, nos trabalhos mais divulgados que as referem: *Epigrafia de Olisipo*¹ e *Catálogo do Gabinete de Numismática e Antiguidades (Biblioteca Nacional de Lisboa) — 1.ª parte: Antiguidades Ibéricas e Romanas*²; contudo, tais afirmações são falsas, pois mais do que um autor as tinha anteriormente publicado, referindo a sua origem.

O monumento apresentado por Vieira da Silva não é outro senão o n.º 5.180 do *C.I.L. II*, o qual foi achado em Mértola em 1883, e o que figura no trabalho de J. Alarcão e M. Delgado, encontra-se igualmente incluído no *C.I.L. II*, n.º 43 e provém das ruínas de Tróia (Setúbal).

Achando-se, de facto, bastante dispersa a restante bibliografia que se lhes refere e estando ainda por fazer o seu estudo epigráfico exaustivo, pretendemos com este trabalho ajudar a suprir tais lacunas.

— *Inscrição n.º 1* (Est. I, fig. 2 e Est. II, fig. 1):

D · A
M I N
/ I n

O primeiro autor que estuda esta inscrição é Borges de Figueiredo³, o qual nos refere o ano e local do seu achado, revelando-nos ainda que à data (1888) possuía a epígrafe na sua coleção. Desenvolve e reconstitui as duas primeiras linhas do seguinte modo: *D(iis) M(anibus) [S(acrum)] / MIN [icio? . . .]*, que traduz por «Consagração aos Deuses Manes. Aqui jaz Minicio». No desenho que apresenta figuram vestígios de letras numa terceira linha.

Por sua vez, Hübner, ao referir esta epígrafe, no Suplemento ao Vol. II do *C.I.L.*⁴ indica-nos também a sua proveniência, bem como o ano em que foi descoberta, acrescentando ainda que A. C. Borges de Figueiredo a trouxe para Lisboa em Dezembro de 1885, não citando, contudo, o trabalho deste autor.

Reconstitui a primeira linha da inscrição do mesmo modo que B. de Figueiredo mas, na segunda, prefere ler o gentílico *MIN [ucius]*.

Entretanto, o monumento transitou para o Gabinete de Numismática e Antiguidades da Biblioteca Nacional de Lisboa, onde A. C. Vieira da Silva o foi encontrar em 1944. Este autor, como já vimos, publica-o como inédito e de proveniência desconhecida⁵ e, ao incluí-lo na *Epig. Olis.* demonstra ter suposto que a sua origem pode-

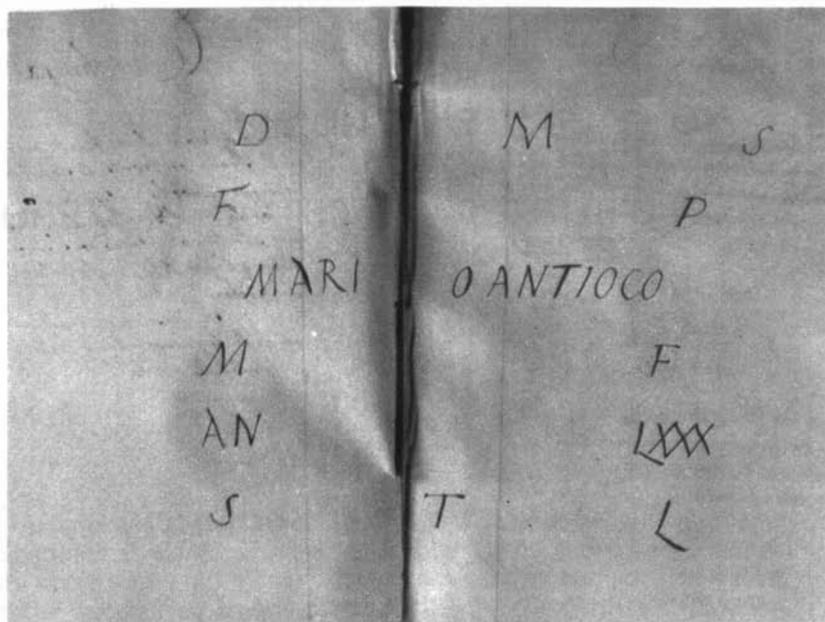


Fig. 1



Fig. 2

Estampa 1

ria ter sido a cidade de *Olisipo* ou os seus *agri* mais chegados. Não a reconstitui, dando como «impossível» qualquer interpretação, concluindo apenas tratar-se de uma inscrição sepulcral, que classifica como «fragmento de tampa de columbário». No desenho que apresenta, omite quaisquer vestígios de letras abaixo da segunda linha.

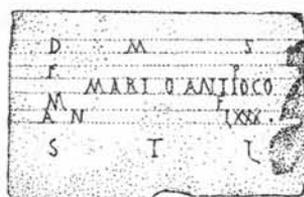
Mais tarde, Scarlat Lambrino⁶, comentando o texto de Vieira da Silva, recorda a primazia de Hübner em relação à publicação do fragmento, ignorando, contudo, o referido estudo de B. de Figueiredo que, como vimos, lhe é anterior.

Apesar de afirmar a sua existência à data (c. 1959) na Biblioteca Nacional de Lisboa e de, no desenho com que ilustra o seu artigo, incluir vestígios de letras na terceira linha, não deve contudo ter visto a inscrição, pois justifica a ausência daquela linha em V. da Silva por uma possível mutilação que a pedra teria sofrido entre 1885 e 1944, o que, na verdade, não aconteceu, conservando-se ainda hoje (1977) o monumento tal como o descreveu em 1888 B. de Figueiredo.



Fig. 1

1:4



1:10

Fig. 2



Fig. 3

1:4

Estampa II

Desenvolve e reconstitui o texto, do seguinte modo: *D(iis) M(anibus) [S(acrum)]. Minucius . . . IIP(?) . . .*

«L'Année Epigraphique» de 1961⁷ cita o artigo de Scarlat Lambrino, seriando a inscrição de Mértola com o n.º 274.

J. de Alarcão e M. Delgado⁸ não referem o fragmento, embora ele ainda permaneça incluído na mencionada colecção da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Trata-se, efectivamente, do canto superior esquerdo de uma placa funerária de mármore acinzentado, que não arriscamos a considerar, com V. da Silva, como tampa de columbário⁹, visto o emprego destas lápidas ser mais vasto¹⁰.

— Comprimento máximo: 10 cm

— Largura máxima: 8 cm

— Espessura: 1,5 cm

Apresenta-se completamente legível na zona correspondente à metade inicial das duas primeiras linhas, detectando-se ainda, no princípio da terceira, vestígios dos extremos superiores de três letras.

— Alt. média das letras na 1.ª linha: 2,4 cm

— Alt. média das letras na 2.ª linha: 2,8 cm

1.^a linha:

Obviamente, dada a sua evidência, temos de reconstituir a fórmula inicial do mesmo modo que B. de Figueiredo¹¹, Hübner¹² e Lambrino¹³:

D (iis) M (anibus) [S (acrum)].

2.^a linha:

Já o mesmo não acontece com a segunda linha, interpretada por B. de Figueiredo¹⁴ como *MIN[icio]* e por Hübner¹⁵ e S. Lambrino¹⁶ como *MIN[ucius]*. Desde já, notemos que nos índices do *C.I.L. II* encontramos apenas mais dois *MINVCII* (um na Bética¹⁷ e outro na Tarraconensis¹⁸, contra treze *MINICII* (nove na Tarraconensis¹⁹, um na Bética²⁰ e três na Lusitânia, *Conventus Emeritensis*²¹), e oito *MINICIAE* (seis na Tarraconensis²² e duas na Lusitânia, *Conventus Emeritensis*²³), não contando já com o hipotético *MIN(icius) [C]ATV[s]*, n.º 74 dos *Additamenta Nova ad Corporis Vol. II*²⁴.

A versão de Hübner e de Lambrino é pois tão pouco provável quanto as reconstituições *MIN [IVS/A]* ou *MIN[ATIVS/A]*, interpretação que também poderíamos conjecturar, já que estes *nomina* se encontram representados igualmente duas vezes cada um nos índices do *C.I.L. II* e *S*²⁵, pertencendo mesmo um deles ao *Conventus Pacensis*²⁶.

A única observação que temos, pois, a fazer a B. de Figueiredo, reside no género em que deve ser colocado o gentílico, dada a ausência de *praenomen* nesta inscrição: se, por um lado, este factor deveria sugerir um feminino²⁷, por outro, se a epígrafe for posterior à primeira metade do séc. III d.C., a interpretação complica-se já que, pelo menos a partir da segunda metade daquele século, a omissão dos *praenomina* se torna frequente²⁸. Como veremos na última parte deste trabalho, a data que pensamos poder atribuir a esta inscrição não deve andar longe desta época; contudo, porque achamos que perante um monumento tão reduzido devemos optar pelos casos mais genéricos, proporei a reconstituição *MIN[ICIA]*, para esta segunda linha.

Segundo os dados do *C.I.L. II* e *S.* atrás referidos²⁹, os representantes na Lusitânia desta *gens*, considerada *nobilissima* por Perin³⁰, concentravam-se maciçamente na capital da Província; mas, a presença de um desses elementos em Mértola não se pode estranhar, tendo em vista a situação geográfica da cidade sobre a margem W. do Guadiana, estrada natural não só para Mérida como para o Mediterrâneo, e conseqüentemente, para os principais centros do Império.

3.^a linha:

A terceira linha da inscrição, como já atrás dissemos, apresenta ainda os extremos superiores de três letras, que os autores³¹ têm interpretado como duas hastes verticais, seguidas pelo cimo de uma letra que Lambrino identifica dubitativamente com um *P*³². Contudo a primeira haste não é vertical, mas inclinada para a direita, sugerindo a existência de um *V* ou de um *X*; a segunda, perfeitamente vertical, pode ter pertencido a um *I* ou a um *L*; finalmente a terceira, além da mencionada hipótese de S. Lambrino, pode também ter feito parte de um *B*, *D* ou *R*.

Propomos pois a seguinte reconstituição da epígrafe, atendendo aos monumentos do mesmo tipo, mais comuns, existentes no *Conventus Pacensis*, dando no entanto como *meramente conjecturais* as terceira e quarta linhas:

D . M [. S]
M I N [I C I A]
V I B [I ANA(?)]³³
[H . S . E . S . T . T . L]

— *D(iis) M (anibus) [S (acrum)] / MIN[ICIA] / VIB[IANA(?)]*
[H(ic) S(ita) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis)] II.

— Consagrado aos Deuses Manes. Minícia Vibiana(?) está aqui sepultada; a terra te seja leve.

— Inscrição n.º 2. (Est. I, fig. 1; Est. II, fig. 2 e 3; Est. III, figs. 1 e 2; e Est. IV, figs. 1 e 2):

D M S
 F P
 MARI O ANTIOCO
 M F
 5 - A N LXXX.
 S T L

Esta inscrição foi vista por Don José Cornide y Saavedra quando da sua estadia em Portugal nos últimos anos do séc. XVIII «en el gabinete de el Desembargador António Ribeyro dos Santos Bibliothecario Mayor de la Real Bibliotheca de Lisboa», gabinete que deu origem ao actual «Gabinete de Numismática e Antiguidades» da mesma Biblioteca, em cuja secção de «Reservados» existe um volume *in-folio* de 154 folhas, ms., cópia dos papéis daquele estudioso espanhol³⁴. Intitulado «Inscripciones Lapidares / de / Varias Ciudades, Villas, e Lugares / do Reino de Portugal / / Colligidas / por / Don Jozé Cornide», não indica o nome do copista nem o ano da sua execução; deve contudo datar da primeira metade do séc. XIX³⁵, ou mesmo não ser posterior a 1818, ano em que faleceu António Ribeiro dos Santos, primeiro bibliotecário da Biblioteca Nacional de Lisboa (na altura «Bibliotheca Pública de Lisboa») ³⁶, o qual como já vimos é mencionado por Cornide y Saavedra.

A presente inscrição é transcrita a fls. 69v. e 70 do referido ms., revelando um rigor na sua cópia, não habitual na época (Est. I, fig. 1); na folha 69 revela-nos o autor ter sido este monumento descoberto «en el arenal de la Troya em frente de Setubal». A sua entrada para o «gabinete de... António Ribeyro dos Santos» deve ter ocorrido pouco depois de 1796, data da criação da «Bibliotheca Publica»³⁷, atendendo ao que sabemos da permanência de J. Cornide y Saavedra em Portugal, e foi provavelmente descoberta na segunda metade do séc. XVIII, quando das escavações promovidas durante o reinado de D. José pela futura rainha, D. Maria I³⁸.

Mais tarde, Levy Maria Jordão inclui esta inscrição no seu *Portugalliae Inscriptiones Romanas*³⁹, transcrevendo-a incorrectamente, como aliás é seu hábito:

D M S
 F P
 MARIO ANTIOCO
 M IXXX
 AN
 S T : L

Na página 336 daquela obra dá-a como de *Olisipo*, certamente por a conhecer *de-visu* do Gabinete da Biblioteca Nacional, ignorando conseqüentemente o ms. de Cornide y Saavedra.

Hübner, no *C.I.L. II* atribui-lhe o n.º 43, referindo como fontes as obras de Saavedra e de L.M. Jordão; transcreve-a correctamente, excepto a última linha que apresenta como *STI [S (it) T (ibi) T (erra) L (evis)]*, em lugar de *STL [S (it) (tibi) T (erra) L (evis)]*, fórmula que a inscrição na realidade apresenta.



Fig. 1



Estampa III

Fig. 2

Possivelmente durante a sua primeira estadia em Portugal⁴⁰, teve oportunidade de observar directamente o monumento, interpretando então como um nexu aquilo que não passa de uma ostensiva zona de percussão por onde o lapicida iniciou a gravação do L, o que aliás se repete, em menor escala, no L da quinta linha.

Nas 2.^a e 4.^a linhas, pensa poder ler a fórmula *F (ilii) P (ientissimi) M (erenti) F (ecerunt)*, desenvolvimento que discutiremos mais adiante.

Em 1956, Bandeira Ferreira⁴¹, ao enumerar algumas inscrições do Vale do Sado, em que aparecem antropónimos de origem grega, referencia a epígrafe em questão, segundo a numeração do *C.I.L. II*.

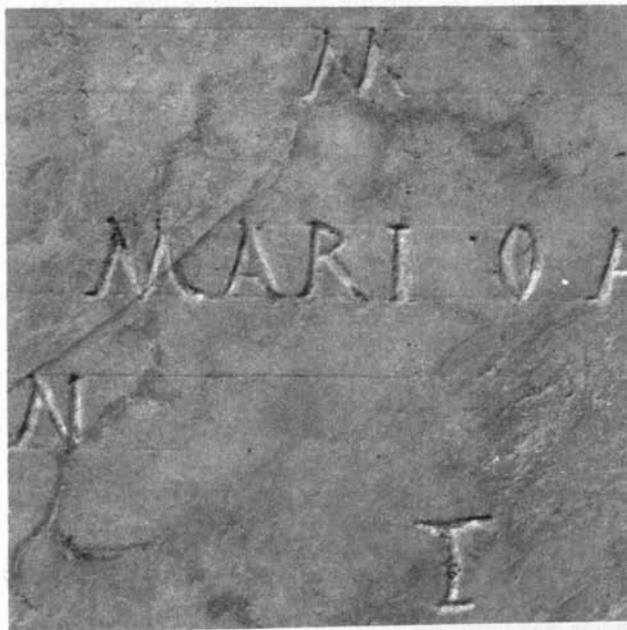


Fig. 1



Fig. 2

Estampa IV

Por sua vez o supracitado *Catálogo do Gabinete de Antiguidades da B.N.L.*⁴², inclui este monumento no Cap. «Inscrições» pp. 83-85⁴³; os autores, que dão a inscrição como inédita e de proveniência desconhecida, informam-nos ainda que a consideram «muito suspeita» e «é com todas as reservas» que a publicam⁴⁴.

Lêem-na correctamente, mas o desenvolvimento que dão — *D(iis)M(anibus) S(acrum) | F(ilius?)P(atri?) | Mario Antioco, | M(arii?) F(ilio) | An(norum)LXXX | | S(it)T(erra)L(evis)* — parece-me incorrecto, deturpando grandemente o sentido da inscrição; mais à frente voltaremos defalhadamente a este assunto.

Apresentam-nos ainda os autores na página 84 do *Catálogo* uma reprodução fotográfica da inscrição, que, apesar de nos dar satisfatoriamente uma ideia geral do monumento, se mostra insuficiente em relação a uma análise paleográfica^{44 bis}.

Trata-se de uma placa rectangular de mármore branco (Est. II, fig. 2 e Est. III, fig. 1); este tipo de placas, classificadas geralmente como tampas de columbário, têm contudo um emprego mais vasto; no Museu Nacional de Arqueologia está exposta uma ara proveniente de Tróia (Setúbal)⁴⁵ em *opus lateritio*, estucada e com vestígios de pintura, em cuja face dianteira está embutida uma placa de mármore semelhante; também os cipos de secção arciforme⁴⁶ de *opus lateritio*, estucados e pintados, como o que está patente nas ruínas de Tróia, perto das termas⁴⁷, poderiam ostentar inscrições gravadas em placas deste tipo; por outro lado, lápides semelhantes encontradas em *Olisipo*, nomeadamente em S. Domingos⁴⁸ e na Praça da Figueira⁴⁹, ainda que pudessem parcialmente ter pertencido a columbários existentes naqueles locais⁵⁰, enquadrar-se-iam sobretudo em pequenas e modestas sepulturas de incineração, cujo protótipo podemos entrever no túmulo de *L.IVLIVS REBVRRIIVS OLISIP (onensis)*, descoberto na necrópole de *La Dehesa*, no povoado mineiro de *Riotinto (Baetica)*⁵¹; era este, provavelmente, o uso mais vulgar deste tipo de placas. Contudo, considerando o ressalto que existe no lado esquerdo da base da lápide em estudo, não poremos de lado a hipótese de a referida saliência ter feito parte de um sistema de encaixe localizado num nicho de columbário a que a placa serviria de tampa.

— Comprimento máximo: 37,8 cm

— Largura máxima: 24,1 cm

— Espessura: 2,7 cm

Contém uma inscrição de seis linhas perfeitamente legível.

— Altura média das letras nas cinco primeiras linhas: 2 cm.

— Altura médias das letras na sexta linha: 2,5 cm.

Apresenta ainda sete linhas auxiliares que, gravadas cuidadosamente ao de leve, mantêm entre si uma distância nunca superior a 2 cm, nem inferior a 1,6 cm (Est. IV, fig. 1).

Entre as duas primeiras linhas auxiliares, insere-se a primeira linha do texto; entre a segunda e a terceira linhas auxiliares, não existe letra alguma; entre a terceira e a quarta linhas auxiliares, encontra-se a segunda linha do texto; a terceira entre a quarta e a quinta linhas auxiliares; a quarta entre a quinta e a sexta linhas auxiliares; e a quinta, entre a sexta e a sétima linhas auxiliares. Seguidamente encontramos uma faixa de cerca de 1,7 cm de altura onde não existem quaisquer vestígios de letras ou de linhas auxiliares e, finalmente, a sexta linha do texto.

As letras da epígrafe, um pouco mais altas que os espaços interlineares, sobre-põem-se ligeiramente às linhas auxiliares (Est. II, fig. 3 e Est. III, fig. 2).

Para a ausência deste tipo de linhas na parte inferior da inscrição (sexta linha do texto), encontramos paralelos noutra monumento do *Conventus Pacensis*, descoberto no concelho de Aljustrel⁵², o qual apresenta nítidos vestígios de sete conjuntos de linhas auxiliares até à sexta linha do texto, podendo pensar-se ainda num oitavo conjunto, por baixo da sétima linha do texto, que o mau estado desta zona da pedra não deixa perceber; contudo, daí para baixo desaparece o pautado, o que, apesar da referida deterioração da base do monumento, nos é sobretudo assegurado pelas dimensões das letras da oitava linha do texto, bem maiores do que as das restantes linhas.

1.^a linha:

D(iis) M(anibus) S(acrum)

2.^a e 4.^a linhas:

Como vimos, enquanto Hübner⁵³ explica estas duas linhas como uma única fórmula, *F(ilii) P(ientissimi) M(erenti) F(ecerunt)*, J. de Alarcão e M. Delgado⁵⁴ separam-nas, interpretando a primeira em *F(ilii?) P(atri?)* e pensando poder ver na segunda a filiação do defunto, Mario Antioco, que desenvolvem em *M(arii?) F(ilio)*.

Relativamente à opinião do autor do *C.I.L. II*, não compreendemos qual o motivo que o leva a desenvolver a fórmula pondo no plural os oferentes, ao invés de a apresentar na sua versão mais simples, *F(ilius) P(ientissimi) M(erenti) F(ecit.)*.

Quanto à interpretação dos autores do *Catálogo* da *B.N.L.*, parece-me pecar sobretudo pela divisão de uma fórmula que, seguindo-se ou não o critério de Hübner relativamente ao seu desenvolvimento, deve ser considerada como um todo; como consequência, viram-se os autores obrigados a expor as suas ideias de forma meramente hipotética, como se depreende das interrogações que se seguem aos desenvolvimentos propostos; e se estamos de acordo com a solução dada à segunda linha, pensamos que esta só atinge o seu pleno sentido em função de uma interpretação diversa da quarta linha, onde a explicação adoptada não me parece satisfatória, por várias razões:

Em primeiro lugar o antropónimo *Marius* abreviado pela letra *M*, é um caso bastante raro, documentado no *C.I.L. II* e respectivo Suplemento apenas uma vez, e com as maiores reservas⁵⁵.

A filiação, não sendo expressa através do *praenomen* do pai, é igualmente um fenómeno pouco frequente; os dez exemplos deste tipo que coligimos no *Conventus Pacensis*⁵⁶, dividem-se sobretudo em duas classes: uma, em que o defunto apresenta um gentílico latino que se contrapõe ao antropónimo celta do pai⁵⁷; e outra em que o filho, o pai, ou ambos, vêm indicados pelo respectivo *cognomen* e não pelo gentílico⁵⁸, ostentando indiferentemente antropónimos celtas ou latinos. Encontrámos mesmo, mas já no *Conventus Scalabitanus*, um *VICTOR MARIII F(ilius)*⁵⁹, exemplo desta última classe em que o defunto, (*Marius*) *Victor*, é indicado através do respectivo *cognomen*, deduzindo-se o gentílico do do pai, inversamente ao que é comum na maioria dos epítáfios que exprimem filiação.

Nada nos autoriza também a considerar o **M(arii)* da quarta linha da inscrição de Tróia como *praenomen*, não só porque este antropónimo muito raramente desempenha esta função, denotando então relativa antiguidade⁶⁰, como porque é praticamente impensável, atendendo ao *nomen* do defunto expresso, a existência de um **M(arius) Marius, praenomen* e gentílico.

Teríamos pois, se quiséssemos manter a hipótese de menção da filiação naquela linha, de a explicar como *M(arci) F(ilius)*, obtendo contudo uma filiação colocada depois do *cognomen* do defunto, situação rara, que conhecemos no *Conventus Pacensis* apenas uma vez⁶¹.

Preferiremos pois desenvolver juntamente a segunda e a quarta linhas da inscrição em *F(ilius) P(atri) M(erenti) F(ecit)*, fórmula atestada em vários autores⁶² e que se quadra perfeitamente com o sentido desta epígrafe⁶³.

Não encontrámos paralelos rigorosos para esta fórmula nos índices do *C.I.L. II* e *S.*, que referem, no entanto, alguns casos análogos: *F(ilii) P(atri) S(uo) F(aciendum) C(uraverunt)*⁶⁴, *F(ilius) PATRI P(onendum) C(uravit)*⁶⁵ e *F(ilius) M(atri) C(uravit) T(itulum)*⁶⁶. Por sua vez uma inscrição de Coruche (*Conventus Pacensis*) refere um *maritus merentissimo*⁶⁷.

3.^a linha:
MARIO ANTIOCO

O gentílico *Marius*, a cujo radical *mar-* está ligada a ideia de *brilhar, resplandecer*⁶⁸, não aparece frequentemente no *Conventus Pacensis*; no *C.I.L. II* e *S.*, apenas mais três exemplos se apontam relativamente àquela região: *G. MARIVS PRISCIANIVS*, de Aviz⁶⁹; *MARIVS LETOIDES*, do Alvito⁷⁰; e *MAR(ius) Q(uinti Marii) F(ilius) QVINTILIAN(us) VLISIPONENS(is) (sic)*, encontrado em Coruche⁷¹, mas, como se depreende da leitura do respectivo epítáfio, natural de *Olisipo, Conventus Scalabitanus*. Mais tarde, Abel Viana⁷² publica ainda outro [*MA*] *RIVS*, proveniente de Beja.

Quanto ao *cognomen Antioocus*, é esta a única vez que aparece no *C.I.L. II e S.*, relativamente à Lusitânia; e nas obras posteriores que consultámos⁷³, não encontrámos quaisquer paralelos provenientes do *Conventus Pacensis*.

Derivado do grego Ἀντιόχος⁷⁴, aparece grafado em latim sob três formas diversas: *Antiochos*, mera transliteração da versão grega, que o *C.I.L. II e S.* regista por duas vezes, respectivamente na *Tarraconehsis*⁷⁵ e na *Baetica*⁷⁶; *Antioocus*, forma que omite a aspiração do χ ⁷⁷ a qual, segundo o *C.I.L. II e S.*, surge também na *Hispania Citerior*⁷⁸; e *Anthioocus*, forma tardia habitual nos textos cristãos, com a primitiva aspiração transposta.

Significando *adversário, opositor* (ἀντι vel ἀντιος-*contrário, oposto* e ἔγω-*ter, conter, manter, possuir*) é *cognomen* usado não só por homens livres, mas também com relativa frequência por escravos e libertos⁷⁹.

A existência de um antropónimo de origem grega numa inscrição proveniente de Tróia (Setúbal), não nos surpreende; de facto outros exemplos existem na bacia do Sado⁸⁰, inclusive na mesma estação⁸¹. Por outro lado, o contacto entre Tróia (Setúbal) e o Mediterrâneo Oriental está atestado, ceramologicamente, já na segunda metade do séc. I d.C.⁸² e ainda no início do séc. VI d.C.⁸³; e, de um modo geral, é abundante em todo o *Conventus Pacensis* a onomástica pessoal daquela origem, quer sob formas meramente transcritas para o latim, quer por outras já latinizadas⁸⁴.

5.^a linha:

AN(orum) LXXX.

Não sendo vulgar na época romana os casos de longevidade, procurámos estabelecer provisoriamente, com os dados de que dispúnhamos, uma média geral de vida no *Conventus Pacensis* entre os sécs. I e IV d.C., para melhor podermos dimensionar comparativamente a idade de *Marius Antioocus*.

Servimo-nos para o efeito de 153 casos diversos⁸⁵, obtendo os seguintes resultados:

Média geral de vida, c. de 35 anos

Mortos abaixo da média, c. de 53% (oitenta e um casos)

Na média, c. de 5,9% (nove casos)⁸⁶

Acima da média, c. de 41,1% (sessenta e três casos)

Relativamente a idades já fora do comum, temos seis casos (c. de 3,9%) entre os 70⁸⁷ e os 80⁸⁸ anos; dois casos (c. de 1,3%) com 80 anos⁸⁹; e seis casos (c. de 3,9%) acima de 80 anos⁹⁰.

Atendendo aos anos indicados nas notas n.ºs 88, 89 e 90, podemos concluir que a média destas propectas idades é precisamente idêntica ao número de anos com que *Marius Antioocus* faleceu.

6.^a linha:

S T L

S(it) (tibi) T(erra) L(evis)

Hübner pretende ver nesta linha um *nexo* que não existe, como já acima tivemos oportunidade de referir.

No entanto, esta fórmula, exposta deste modo, não é demasiadamente rara na Península⁹¹, havendo mesmo alguns paralelos no *Conventus Pacensis*⁹², pelo que é totalmente desnecessário encará-la com apreensão, procurando em vão soluções que resultam descabidas⁹³.

Propomos pois a seguinte leitura da epígrafe: *D(iis) M(anibus) S(acrum) / F(ilius) P(atri) / MARIO ANTIOCO / M(erenti) F(ecit) / AN(norum) LXXX. / S(it) (tibi) T(erra) L(evis) /*.

— Consagrado aos Deuses Manes. Ao merecedor pai, Mário Antioco, de 80 anos de idade, o filho erigiu (este monumento); a terra (te) seja leve.

Paleograficamente, ambos os monumentos estudados são semelhantes, contrapondo-se no entanto à elegância das letras da inscrição de Tróia e à forma triangular do ponto que na quinta linha se segue à idade do defunto (Est. IV, fig. 2), a imperfeição dos caracteres da epígrafe de Mértola e o invulgar ponto de separação oblongo que ostenta na 1.^a linha.

Apresenta ainda o epitáfio de *Marius Antiocus* uma série de linhas auxiliares cuidadosamente gravadas, as quais juntamente com os factores acima mencionados, conferem à inscrição um equilíbrio e uma regularidade destruída apenas a meio da terceira linha com o absurdo avançar do *O* de *MARIO*, explicável apenas por um lapso do lapicida.

Na sexta linha podemos observar logo a seguir ao *S* e junto à sua base uma depressão superficial, formalmente semelhante a um ponto triangular de tipo actuário (Est. III fig. 2); contudo, a sua absurda colocação, a sua reduzida profundidade e, inclusive, a sua singularidade morfológica comparativamente ao seguro ponto da quinta linha, levam-nos a considerá-la como uma falha accidental, de que aliás existem paralelos mais discretos noutras linhas da inscrição, nomeadamente na primeira e na quarta⁹⁴.

Passemos agora à análise paleográfica das epígrafes, tendo em vista o seu enquadramento cronológico.

Os caracteres que apresentam revelam-se, de um modo geral, muito aparentados com a *capital actuária*, facto que não constitui motivo de espanto mesmo em monumentos esteticamente gravados, como é o caso do epitáfio de *Marius Antiocus*⁹⁵.

Cagnat refere este tipo de *AA*, *DD* e *LL*, como existentes a partir do séc. II d.C.⁹⁶, os *FF* coloca-os a partir dos finais do séc. I d.C. e os *MM* provavelmente na mesma época⁹⁷; quanto aos *OO* e *NN*, dá-os como habituais no séc. III d.C. e relativamente ao *P* apresenta um exemplar idêntico do séc. IV d.C., proveniente de África e uma forma próxima, como vulgar em Espanha no séc. III d.C.⁹⁸.

Por sua vez, E. Hübner, nos seus *Exempla*⁹⁹, apresenta-nos diversos casos em que podemos observar o emprego de letras formalmente idênticas às dos monumentos de Tróia e de Mértola; assim, no exemplo n.º 462 (=C.I.L. VIII, n.º 76, ll. 1., 2 e 7) datado do ano 186 d.C., vemos nas ll. 1 e 3 um *R* semelhante ao de *Mario* e, em todas as linhas *OO* idênticos aos nossos; no exemplo n.º 660 (=C.I.L. II, n.º 2.221, ll. 5, 6 e 9), datado do ano 216 d.C. e proveniente da *Baetica (Corduba)*, se todo o contexto paleográfico é, apesar de mais denso, muito aparentado com o da inscrição de Tróia, devemos contudo destacar os *AA* das ll. 1 e 3, os *LL* e os *OO* das ll. 1 e 2 e, sobretudo, o *F* da l. 3, idêntico ao de *F(ilius)*; no exemplo n.º 677 (=C.I.L. VIII, n.º 8.455, ll. 1 a 3), datado de c. de 198 d.C., notemos, além dos *OO* das ll. 1 e 2, um *P* do tipo do de *P(atri)*; no exemplo n.º 678 (=C.I.L. VIII, n.º 885, ll. 3 e 4), que pode ser colocado cronologicamente entre os anos 209 e 211 d.C., vemos, além de um *T* semelhante ao de *Antioco* na l. 2, um *O* anguloso na l. 1; devemos no entanto notar que os *RR* já são muito diversos dos nossos, o mesmo acontecendo com os do ex. n.º 683 (=C.I.L. VIII, n.º 895, ll. 1 e 2), datado do ano 239 d.C., donde contudo ainda reteremos os *MM*, *AA* e *OO* de ambas as linhas.

Paleograficamente semelhantes, existem também alguns monumentos do *Conventus Pacensis*, cuja datação foi já proposta por vários autores. Assim, para o C.I.L. II S. n.º 5.136 (=CAT. 1, n.º 4)¹⁰⁰, semelhante sobretudo nos *LL*, propõe Hübner os sécs. II ou III d.C., fazendo o mesmo para o C.I.L. II S. n.º 5.137 (=CAT. 1, n.º 5)¹⁰¹ paralelo aos nossos na generalidade; para o C.I.L. II S. n.º 5.146 (=CAT. 1, n.º 18)¹⁰² que, além da semelhança dos *AA*, apresenta os *XX* da idade parcialmente sobrepostos, propõe o séc. II, bem como para o C.I.L. II S. n.º 5.150 (=CAT. 1, n.º 21)¹⁰³, cujos *XX* da idade se distribuem de idêntico modo, e para o C.I.L. II S. n.º 5.161 (=C.I.L. II n.º 4.989) (=CAT. 1, n.º 33)¹⁰⁴, que além do *F* contido na quarta linha, idêntico

ao da segunda linha da inscrição de Tróia, se mostra ainda semelhante nos *OO*, *PP* e *RR*; relativamente ao *C.I.L.* II n.º 5.159 (= *CAT.* 1, n.º 12)¹⁰⁵ que contém um *L* em ângulo obtuso, atribui o séc. III d.C.¹⁰⁶.

Contudo, os paralelos mais exactos para os *OO* da inscrição de Tróia, fomos encontrá-los numa lápide inédita, exposta no Museu Nacional de Arqueologia, proveniente igualmente do *Conventus Pacensis*¹⁰⁷, que, curiosamente, apresenta também dois antropónimos gregos: *Argyrius* e *Trypho*. Relativamente ao ponto que no epitáfio de *Marius Antiochus* se encontra isolado no fim da quinta linha (Est. IV, fig. 2), sem qualquer função aparente¹⁰⁸, podemos citar comparativamente o n.º 1.061 dos *Exempla*, l. 2, inscrição que Hübner na 1.ª col. da p. 450 inclui entre as do séc. II d.C.; contudo, pelo menos já desde os finais do séc. I a.C. aparecem casos semelhantes, como se depreende dos *Exempla*, n.º 1.034 (= *C.I.L.* VI, n.º 443, ll. 1 e 3), l. 1, datável do ano 2 a.C.

Consideremos ainda que a fórmula *D(iis) M(anibus) S(acrum)*, patente em ambos os monumentos aqui estudados, e que só se vulgariza entre nós a partir dos finais do séc. I d.C., ou mesmo já só no séc. II¹⁰⁹, tende a desaparecer desde a segunda metade do séc. III¹¹⁰.

Todos os factores apontados, levam-nos a situar a inscrição n.º 2, de Tróia, na segunda metade do séc. II d.C., e a n.º 1, de Mértola, numa época já mais tardia, provavelmente próxima dos meados do séc. III¹¹¹.

Summary

The A. Studies two funerary inscriptions of the Roman period, kept in the Gabinete de Numismática e Antiguidades of the Biblioteca Nacional de Lisboa. Both monuments were found in the Conventus Pacensis and have been referred to by a number of authors, who have always treated the matter briefly.

Nevertheless, more recent works refer the two inscriptions in question as unpublished and of unknown origin. So a compilation of what has been written about these monuments proved necessary.

At the same time, a deeper study and an integration in the Historical-Epigraphic frame of the Conventus Pacensis, is tried.

LEGENDAS

ESTAMPAS e FIGURAS

Est. I - Fig. 1 - Cópia da inscrição do monumento n.º 2, patente nas folhas 69 v. e 70 do ms. COD. 476 da secção de «Reservados» da Biblioteca Nacional de Lisboa. Fig. 2 - Monumento n.º 1

Est. II - Fig. 1 - Monumento n.º 1 (escala de 1:4); Fig. 2 - Monumento n.º 2 — face epigráfica (escala de 1:10); Fig. 3 - Monumento n.º 2 — inscrição (escala de 1:4)

Est. III - Fig. 1 - Monumento n.º 2 — face epigráfica; Fig. 2 - Monumento n.º 2 — inscrição

Est. IV - Fig. 1 - Monumento n.º 2 — inscrição (pormenor da zona da face epigráfica onde o pautado se encontra mais nítido); Fig. 2 - Monumento n.º 2 — inscrição (pormenor do final da quinta linha)

NOTAS

- 1 A. Vieira da Silva, *Epigrafia de Olisipo*, Lisboa, 1944, pp. 254-255, n.º 140.
- 2 J. Alarcão e Manuela Delgado, *Catálogo de Numismática e Antiguidades da Biblioteca Nacional de Lisboa*, Parte 1, Lisboa, 1969, pp. 83-85, n.º 97.
- 3 A. C. Borges de Figueiredo, *Miscellanea*, in «Revista Archeológica», Lisboa, ano de 1888 (fasc. 8, Agosto), p. 126, II.
- 4 P. 788, n.º 5.180.
- 5 A. Vieira da Silva, *op. e p. cit.*
- 6 Scarlat Lambrino, *Notes d'Epigraphie Lusitanienne* in «Revista da Faculdade de Letras de Lisboa», 3.ª Série, n.º 3, 1959, p. 5 (da separata), I.
- 7 «L'Année Epigraphique», *P.U.F.*, Paris, 1961, p. 62, 1.ª col.
- 8 J. Alarcão e M. Delgado, *op. cit.*
- 9 A. Vieira da Silva, *op. e p. cit.*
- 10 Sobre este assunto, vid. adiante p. 338.
- 11 A. C. Borges de Figueiredo, *op. cit.*
- 12 *C.I.L. II S.*, n.º 5.180.
- 13 Scarlat Lambrino, *op. cit.*, p. 6 (da separata).
- 14 A. C. Borges de Figueiredo, *op. cit.*
- 15 *C.I.L. II S.*, n.º 5.180.
- 16 S. Lambrino, *op. e p. cit.*
- 17 *C.I.L. II*, n.º 5.057.
- 18 *C.I.L. II*, n.º 4.391.
- 19 *C.I.L. II*, n.ºs 2.955, 3.085, 3.606, 3.806, 4.488, 4.510 e S., 6.072 (= 4.274), e 6.145 (= 4.509).
- 20 *C.I.L. II*, n.º 2.294.
- 21 *C.I.L. II*, n.º 918 (*M. MINICIVS PHILADELPHVS* e *M. MINICIVS SEVERVS*) e S., n.º 5.329 (*MINICIVS SECVNDVS*).
- 22 *C.I.L. II*, n.ºs 2.684, 2.982, 3.085, 3.604, 4.568 e S., n.º 5.828.
- 23 *C.I.L. II*, n.º 591 (*MINICIA FIRMILLA*) e S., n.º 5.329 (*MINICIA MARCELLA*).
- 24 E. Hübner, *Addimenta Nova ad Corporis vol. II*, in «Eph. Epig.», VIII, Berlim, 1899 (= *Ad. N. 1*), p. 374, n.º 74 e p. 379; esta inscrição pertence à *Lusitania, Conventus Emeritensis*.
- 25 *MINIVS: C.I.L. II*, n.º 4.118 (*Tarraconensis*) e S., n.º 5.532 (*Baetica*). *MINATIVS: C.I.L. II*, n.º 836 (*Lusitania, Conventus Emeritensis*). *MINATIA: C.I.L. II*, n.º 166 (*Lusitania, Conventus Pacensis*).
- 26 *C.I.L. II*, n.º 166, Estremoz.
- 27 R. Cagnat, *Cours d'Epigraphie Latine*, 4.ª edição, Paris, 1914, p. 47.
- 28 Pedro Batlle Huguet, *Epigrafia Latina*, Barcelona, 1946, p. 73.
- 29 Vid. notas n.ºs 22 e 24.
- 30 Iosephus Perin, *Onomasticon*, in *Lexicon Totius Latinitatis* de Aegidius Forcellinus, edição de 1965, Patavia, tomo VI, p. 276, 3.ª col.
- 31 A. C. Borges de Figueiredo, *op. cit.*; *C.I.L. II*, n.º 5.180; S. Lambrino, *op. cit.*, p. 6 (da separata).
- 32 S. Lambrino, *op. e p. cit.*
- 33 Este *cognomen*, na sua forma masculina, aparece-nos documentado uma vez no *C.I.L. II* relativamente à *Lusitania, Conventus Scalabitanus* (393, *Conimbriga*), e três vezes na *Baetica* (n.ºs 1.946, 1.947 e 2.056); julgo pois ser conveniente recordar a situação fronteiriça entre Mértola e esta última província.

- 34 COD. 476 (antigas cotas: B. 6-28 e B. 3-41).
- 35 Fernando Bandeira Ferreira, *A inscrição lusitano-romana da Quinta da Sempre-Noiva (Arraiolos) e o problema dos Corneli Bocchi*, in «O Arqueólogo Português», 2.ª série, vol. III, Lisboa, 1956, pp. 87-105 (vid., p. 94).
- 36 Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Tomo I, Lisboa, MDCCCLVIII, p. 248.
- 37 Idem, ibidem.
- 38 A. I. Marques da Costa, *Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal*, in «O Arch. Port.», XXVI, 1923-24, p. 317.
- 39 Levy Maria Jordão, *Portugalliae Inscriptiones Romanas*, vol. I, Olisipone, MDCCCLIX, p. 253, n.º 590.
- 40 Durante os anos de 1860-61; cfr. *Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e Martins Sarmiento*, Guimarães, 1947, obra coligida e anotada por Mário Cardozo, p. XIII.
- 41 Fernando Bandeira Ferreira, *op. cit.*, p. 101, nota 23.
- 42 J. Alarcão e M. Delgado, *op. cit.*
- 43 Peça n.º 97.
- 44 J. Alarcão e M. Delgado, *op. cit.*, p. 83.
- 44-bis) O n.º de «L'Année Epigraphique» correspondente aos anos de 1969/70, que teoricamente deveria referir esta inscrição, não o faz. Consultámos ainda em vão os números daquela revista correspondentes aos anos de 1971 e 1972, não tendo tido contudo ocasião de verificar a sua eventual inclusão em números posteriores.
- 45 N.º E. 8.219.
- 46 Sobre a designação *cipo de secção arciforme*, ver do autor *Três Novos Monumentos Epigráficos da Época Romana Pertencentes à Zona Oeste do Município Olisiponense*, neste mesmo volume de «O Arqueólogo Português», pp. 306-308, nota n.º 34.
- 47 Idem, ibidem, p. 288.
- 48 A. Vieira da Silva, *op. cit.*, n.ºs 110 e 111.
- 49 Irisalva Moita, *Achados da Época Romana no Subsolo de Lisboa* in «Revista Municipal», Lisboa, n.ºs 116/117, 1.º e 2.º trimestres de 1968, pp. 33-71, peças n.ºs 43, 51, 65, e, sobretudo, 71.
- 50 Idem, ibidem, p. 51, 1.ª col.
- 51 Jose M. Luzon Nogue e Diego Ruiz Mata, *El Poblado Romano de Riotinto*, in «Habis», n.º 1, Sevilha, 1970, pp. 125-138; vid. pp. 137-138 e est. XIII, fig. 8.
- 52 Ruy Freire d'Andrade, *Uma lápide Romana do Monte do Farrobo — Rio de Moinhos*, in «Conimbriga», I, Coimbra, 1959, pp. 109-114.
- 53 *C.I.L. II*, n.º 43.
- 54 J. Alarcão e M. Delgado, *op. cit.*, p. 85.
- 55 *C.I.L. II*, n.º 2.861 (Tarraconensis), l. 4 — «m (atri? aut Marius? vel simile quid)».
- 56 *C.I.L. II*, n.ºs 98, 149, 171; *S.*, n.º 6.263; E. Hübner, *Addimenta Nova ad Corporis Volumen II*, in «Eph. Epigr.», IX, Berlim, 1903, (= *Ad. N. 2*), p. 19, n.º 169 (do *C.I.L. II*) e n.º 22; S. Lambrino, *Catalogue des inscriptions latines du Musée Leite de Vasconcelos*, in «O Arqueólogo Português», 3.ª série, vol. I, Lx., 1967, (= *CAT. 2*), n.ºs 42, 151, 152 e 155.
- 57 *C.I.L. II*, n.ºs 98, 171; *S.*, n.º 6.263; *Ad. N. 2*, n.º 22; *CAT. 2*, n.ºs 42 e 151.
- 58 *C.I.L. II*, n.º 149; *Ad. N. 2*, p. 19, n.º 169 (do *CIL II*) e *CAT. 2*, n.ºs 152 e 155.
- 59 *C.I.L. II*, 48.
- 60 René Cagnat, *op. cit.*, pp. 41 e 42; os índices do *C.I.L. II* e *S.* e os *Ad. N. 1* e *2* não apresentam qualquer exemplo.
- 61 *C.I.L. II S.*, n.º 6.263.
- 62 René Cagnat, *op. cit.*, p. 431, 1.ª col.; Pedro Batlle Huguet, *op. cit.*, p. 187, 2.ª col.
- 63 Notemos que os antropónimos do defunto (3.ª linha) se encontram em dativo.
- 64 *C.I.L. II*, p. 77 (*Lusitania, Conventus Emeritensis*); sobre o plural empregue por Hübner ao desenvolver a primeira e a última palavras da fórmula, veja-se o que no texto dissemos acerca de idêntico assunto relativamente à inscrição de Tróia.
- 65 *C.I.L. II*, n.º 167 (*Lusitania, Conventus Pacensis*).
- 66 *C.I.L. II S.*, n.º 5.576 (*Tarraconensis, Conventus Bracaraugustanus*).
- 67 *CAT. 2*, n.º 77.
- 68 Iosephus Perin, *op. cit.*, p. 213, 2.ª col. e 214, 2.ª col.
- 69 *C.I.L. II*, n.º 46.
- 70 *C.I.L. II*, n.º 88.
- 71 *C.I.L. II*, n.º 124.
- 72 Abel Viana, *Museu Regional de Beja — Secção Lapidar (= M.R.B.)*, in «Arquivo de Beja», vol. II, Beja, 1946, p. 31 (da separata), n.º 34, l. 8.
- 73 Nomeadamente *Ad. N. 1* e *2*, *M.R.B.*, *CAT. 2* e S. Lambrino, *Catalogue des Inscriptions Latines du Musée Leite de Vasconcelos*, in «O Arqueólogo Português», 2.ª Série, n.º IV, pp. 279-302 (= *CAT. 1*).
- 74 Iosephus Perin, *op. cit.*, p. 132, 1.ª col.

- 75 *C.I.L. II*, n.º 4.144
- 76 *C.I.L. II S.*, p. 884, n.º 5.515; certamente por lapso, o *C.I.L. II S.* apresenta dois n.ºs 5.515, um, o que nos interessa, no fim da p. 884, o outro, indicando um monumento diverso, no início da p. seguinte. Convém pois, de futuro, como já acontece relativamente a outras inscrições arquivadas no *C.I.L. II* e *S.*, distinguir um n.º 5.515 a, e um n.º 5.515 b; a inscrição que citamos, seria então a *C.I.L. II S.*, n.º 5.515 a
- 77 Desde bastante cedo se conhece esta forma; cfr. *C.I.L. I*, n.º 35 (161 a.C.); *C.I.L. X*, n.º 3.772 (94 a.C.), etc.; (exemplos dados por I. Perin, *op. p. e col. cit.*).
- 78 *C.I.L. II S.*, n.º 5.927 (= *C.I.L. II*, n.º 3.434).
- 79 Iosephus Perin, *op. p. e col. cit.*
- 80 *C.I.L. II*, n.º 34 (*Himerus*).
- 81 *C.I.L. II*, n.º 44 (*Calistratus*) e *Ad. N. 1*, n.º 5 (= *CAT. 2*, n.º 72) (*Hypnus*); (cfr. ainda, sobre esta nota e a anterior, Fernando Bandeira Ferreira, *op. cit.*, p. 101, nota 23).
- 82 Maria Adelaide Garcia Pereira, *Fragmento de Vaso Vidrado a Verde da Estação Romana de Tróia (Setúbal)*, in «O Arqueólogo Português», série III, vol. V, Lx., 1971, pp. 145-154 (p. 152).
- 83 Maria Garcia Pereira Maia, *Cerâmica Fina Oriental de Tróia de Setúbal: "Late Roman C Ware"* in «III Congresso Nacional de Arqueologia», Porto, 1974, pp. 333-341 (p. 335).
- 84 A título de exemplo seriemos alfabeticamente algumas, pondo deliberadamente de parte aquelas cujo estudo nos afastaria demasiadamente do teor deste trabalho, pela sua complexidade, origem incerta ou leitura duvidosa:
- *Nomina*: *Antistia* (*CAT. 2*, n.º 59), *Apollonius* (*M.R.B.*, n.º 14), *Appuleius* (*CAT. 2*, n.º 147), *Cocceia* (*Ad. N. 1*, n.º 6 a), *Cocceius* (*C.I.L. II*, n.º 131 = *CAT. 2*, n.º 111), *Cryseros* (*C.I.L. II*, n.º 87), *Crysoگونus* (*C.I.L. II*, n.º 94), *Menelaus* (*CAT. 2*, n.º 77).
- *Cognomina*: *Agatamera* (*C.I.L. II*, n.º 14 = *CAT. 1*, n.º 28), *Alexander* (*CAT. 2*, n.º 146), *Andronicus* (*C.I.L. II S.*, n.º 6.265 a = *CAT. 2*, n.º 120), *Anthymus* (*C.I.L. II*, n.º 152), *Antigonus* (*C.I.L. II S.*, n.º 5.161 = *C.I.L. II*, n.º 4.989 = *CAT. 1*, n.º 33), *Artemas* (*C.I.L. II*, n.º 114), *Basilius* (*C.I.L. II S.*, n.º 5.161 = *C.I.L. II*, n.º 4.989 = *CAT. 1*, n.º 33), *Calemera* (*C.I.L. II S.*, n.º 5.146 = *CAT. 1*, n.º 18), *Ce[?]alus* ou *Cep[h]alus* (*C.I.L. II*, n.º 155), *Chresimus* (*C.I.L. II S.*, n.º 5.198), *Cleopat[ra]* (*M.R.B.*, n.º 20), *Corinthia* (*C.I.L. II S.*, n.º 5.183 = *CAT. 2*, n.º 70), *Craterus* (*C.I.L. II*, n.º 131 = *CAT. 2*, n.º 111), *Critonia* (*C.I.L. II*, n.º 132), *Diodora* (*C.I.L. II S.*, n.º 5.147 = *CAT. 1*, n.º 19), *Dionysianus* (*Ad. N. 1*, n.º 1) *Elicon* (*C.I.L. II S.*, n.º 5.194), *Euprepia* (*C.I.L. II*, n.º 89), *Euremus* (*CAT. 2*, n.º 48), *Eutyches* (*C.I.L. II S.*, n.º 5.161 = *C.I.L. II*, n.º 4.989 = *CAT. 1*, n.º 33), *Eutychides* (*CAT. 2*, n.º 78), *Eutychius* (*C.I.L. II S.*, n.º 5.161 = *C.I.L. II*, n.º 4.989 = *CAT. 1*, n.º 33), *Helice* (*C.I.L. II*, n.º 104), *Hermes* (*C.I.L. II*, n.º 133 e *CAT. 2*, n.º 140), *Laco* (*C.I.L. II*, n.º 12), *Parianus* (*C.I.L. II S.*, n.º 5.176 = *CAT. 1*, n.º 37), *Paris* (*C.I.L. II*, n.º 114), *Parthenopaeus* (*C.I.L. II*, n.º 144), *Patroclus* (*C.I.L. II S.*, n.º 5.145 = *CAT. 1*, n.º 17), *Philadelpho* (*C.I.L. II*, n.º 107), *Philomus* (*C.I.L. II S.*, n.º 5.136 = *CAT. 1*, n.º 4), *Polibius* (*C.I.L. II*, n.º 106), *Terpicore* (*C.I.L. II*, n.º 60), *Thalassinus* (*C.I.L. II*, n.º 31); *Theodorus* (*C.I.L. II*, n.º 4), *Theophilus* (*C.I.L. II*, n.º 33).
- Convém também recordar o pequeno monumento escrito em grego, proveniente de Tavira (*C.I.L. II S.*, n.º 5.171 = *CAT. 1*, n.º 29) que, além do antropónimo Ἀντιόχης da mesma família que Ἀντιόχης (= *Antiochus* = *Antiocus*), ostenta ainda os *cognomina* Εἰρηνός e Ταρτιανός.
- 85 *C.I.L. II*, n.ºs 3, 4, 12, 17, 18, 19, 20, 31, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43 (é o epitáfio de *Marius Antiochus*), 44, 58, 60, 62, 64, 67, 68, 73, 74, 78, 79, 80, 81, 86 (= *CAT. 2*, n.º 75), 87, 88, 89, 90, 91, 94, 97, 100, 102, 104, 105, 106, 112 (3 casos), 116, 119, 124, 146, 147, 148, 149, 156, 161, 165, 166, 167, 171, 5.098; *S.*, n.º 5.142 (= *CAT. 1*, n.º 23), 5.143 (= *CAT. 1*, n.º 16), 5.144, 5.145 (= *CAT. 1*, n.º 17), 5.146 (= *CAT. 1*, n.º 18), 5.147 (= *CAT. 1*, n.º 19), 5.148 (= *CAT. 1*, n.º 10), 5.149 (= *CAT. 1*, n.º 20), 5.150 (= *CAT. 1*, n.º 21), 5.151 (= *CAT. 1*, n.º 11), 5.152 (= *CAT. 1*, n.º 22), 5.153 (= *CAT. 1*, n.º 15), 5.154 (= *CAT. 1*, n.º 24), 5.159 (= *CAT. 1*, n.º 12), 5.168 (= *CAT. 1*, n.º 30), 5.169 (= *CAT. 1*, n.º 35), 5.172 (= *CAT. 1*, n.º 34), 5.173, 5.175 (= *CAT. 1*, n.º 36), 5.176 (= *CAT. 1*, n.º 37), 5.183 (= *CAT. 2*, n.º 70), 5.187, 5.188, 5.190, 5.191, 5.193, 5.194, 5.195, 5.196, 5.198, 5.211 (2 casos), 5.212, 5.213, 5.214, 5.216, 6.263, 6.264; *Ad. N. 1*, n.ºs 1 (2 casos), 5 (= *CAT. 2*, n.º 72), 6 a, 7 (= *CAT. 2*, n.º 82) (2 casos), 263 (2 casos), 264, 265, 268; *Ad. N. 2*, n.ºs 4 (= *CAT. 2*, n.º 47), 5 (= *CAT. 2*, n.º 55), 16 (= *CAT. 2*, n.º 79), 18, 22, 23, 138 (= *CAT. 2*, n.º 60); *CAT. 1*, n.ºs 2, 25; *CAT. 2*, n.ºs 39, 40, 45, 48, 49, 53, 56, 58, 76, 77, 80, 138, 145, 146, 151, 152, 153; *M.R.B.*, n.ºs 7, 14 (2 casos), 15, 16, 20, 23, 39, 44, 45, 48, 52, 56, 58, 63, 64, 68 e II.
- 86 Está nestas condições uma *Galla*, mulher de *Hypnus*, de Tróia (Setúbal) — [*Ad. N. 1*, n.º 5 (= *CAT. 2*, n.º 72)].
- 87 Idade dupla da média geral de vida.
- 88 — *IVLIA PROCVLA*, dos *Agri Pacensis*, com 70 anos (*C.I.L. II*, n.º 100).
— *G. IVLIVS GALLVS*, de Elvas, com 70 anos (*C.I.L. II S.*, n.º 5.212).
— *L. I. POLIBIVS*, dos *Agri Pacensis*, com 72 anos (*C.I.L. II*, n.º 106).
— *CORNELIVS GALLVS*, de Elvas, com 75 anos (*C.I.L. II S.*, n.º 5.216).
— (nome ilegível), de Beja, com 75 anos (*Ad. N. 1*, n.º 268).

- TVSCA, de Aramenha, com 76 anos (CAT. 2, n.º 151); (S. Lambrino lê 26 anos, mas no desenho que apresenta parece ver-se 76 anos: LVXVI; contudo, mesmo seguindo a opinião daquele autor, a média geral que obtivemos não se altera significativamente, havendo uma diferença que não atinge os 4 meses).
- 89 Além do caso de *Marius Antiochus*, temos o de *COCCEIA CLARILLA*, de Beja (Ad. N. 1, n.º 6 a).
- 90 — *MARIVS LETOIDES*, dos *Agri Pacensis*, com 85 anos (C.I.L. II, n.º 88).
 — *CAECILIA MARINA*, da região de *Ossonoba*, com 85 anos (C.I.L. II, S., n.º 5.142) (= CAT. 1, n.º 23).
 — *L. ANNIVS PARIANVS*, de *Balsa*, com 85 anos (C.I.L. II, S., n.º 5.176) (= CAT. 1, n.º 37).
 — *L. F. ELICON*, de *Ebora*, com 85 anos (C.I.L. II, S., n.º 5.194).
 — *P. PETRONIVS CAVTIN[VS]*, de Vila Viçosa, com 91 anos (C.I.L. II, n.º 147).
 — *PATRICIVS*, de Marim, com 93 anos (3 meses e 14 dias) (Ad. N. 1, n.º 2).
- 91 C.I.L. II, n.ºs 641, ll. 3 e 4 (*Lusitania, Conventus Emeritensis*); 867, última linha (idem, idem); 1.059, ll. 4 e 5 (*Baetica*); 2.261, l. 9 (*SIT. T. L.*) (*Baetica*); 3.235, l. 10 (*Tarraconensis*); S., n.ºs 5.501 a, l. 4 (*Baetica*); 6.167, l. 3 (*ST*) (*Tarraconensis*); e 6.175, l. 5 (*S.TELE*) (*Tarraconensis*).
- 92 C.I.L. II, n.º 124, l. 5 (Coruche); S., n.º 5.160, última linha, S.T. [L] (*Ossonoba*); e CAT. 1, n.º 2 (Algarve).
- 93 Quer-nos parecer que Hübner voltou a enganar-se, relativamente ao desenvolvimento da última linha da inscrição n.º 40 do C.I.L. II, também de Troia, ao reconstitui-la em [*h.s.e.*] S.T. [t.] L.; porque não aceitar a versão de Gasco, S.T.L?
- 94 As observações de Batlle Huguet (*op. cit.*, p. 26, al. 33 c) acerca da coexistência de pontos triangulares de vários tipos, numa mesma inscrição, parecem-me não terem aqui qualquer cabimento, tendo em vista o que dissemos relativamente ao enquadramento e aspecto da referida depressão.
- 95 Cfr. as inscrições do *Conventus Pacensis* a que abaixo se referem as notas n.ºs 100-105 e 107.
- 96 R. Cagnat, *op. cit.*, pp. 11, 13 e 18.
- 97 Idem, *ibidem*, pp. 14, 15 e 19.
- 98 Idem, *ibidem*, pp. 19 e 20.
- 99 E. Hübner, *Exempla Scriptura Epigraphicae Latinae*, Berlim, MDCCCLXXXV (= *Exempla*).
- 100 De Loulé.
- 101 De Boliqueime.
- 102 Da Quinta de Marim.
- 103 Idem.
- 104 De Torre de Ares.
- 105 De Faro.
- 106 Em relação aos monumentos C.I.L. II, S., n.ºs 5.136 e 5.137 (= CAT. 1, n.ºs 4 e 5), ver também J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, III, Lx., 1913, pp. 236 e 509.
- 107 n.º E. 8.014 (Silveirona).
- 108 No presente caso, poder-se-á no entanto pensar numa tentativa de divisão entre a parte do texto em discurso indirecto (cinco primeiras linhas) e a fórmula final, em discurso directo (sexta linha).
- 109 S. Lambrino, *Les Cultes Indigènes en Espagne Sous Trajant et Hadrien*, in *Les Empereurs Romains d'Espagne* ("Colloques Internationaux du Centre National de la Recherche Scientifique — Sciences Humaines"), Paris, 1965, pp. 223-242 (pp. 224, 234, 235, 236, 241 e 242); R. Étienne e G. Fabre, *C. Turranius Rufus de Conimbriga*, in «Conimbriga», XI, Coimbra, 1972, pp. 193-203 (p. 202); Jorge de Alarcão, *Cerâmica Comum Local e Regional de Conímbriga*, Coimbra, 1974, p. 88.
- 110 B. Huguet, *op. cit.*, p. 73.
- 111 Encontrando-se já no prelo o presente estudo, notámos que J. Vives, in *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona, 1971-72, refere, sob o n.º 3.965, o epitáfio de *Marius Antiochus*; a leitura adoptada é a de Hübner.